

## O SINTOMA NO CONTEMPORÂNEO: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS

*Rafael R. Gonçalves*

Em um trabalho muito difundido sobre o mal-estar contemporâneo, Joel Birman (2009) nos mostra alguns momentos da teorização de Freud que contêm fortes indicativos das implicações políticas presentes na inovação ética e epistemológica trazida pela psicanálise, sobretudo no que diz respeito aos princípios da Modernidade.

Uma das importantes contribuições deste autor diz respeito ao fato de que, mesmo após as importantes descobertas obtidas em seus estudos sobre a histeria, Freud ainda se manteve sensível aos ideais cientificistas do Iluminismo até os anos 20, quando os horrores da guerra abalaram a confiança na razão científica como guia da sociedade rumo à felicidade. Além do âmbito ideológico, Freud também foi abalado por estes eventos em sua clínica, onde experimentou os limites da psicanálise frente aos portadores de neuroses traumáticas. Este furo no saber de Freud tornou-se um trauma incurável para a Psicanálise. Foi neste período, segundo Birman (2009) que ganhou relevo “a problemática ética e política do desamparo” (p.39) no âmbito da crítica aos valores da Modernidade.

Destas observações ocorreu-me a seguinte questão: poderíamos adotar o desamparo como chave de leitura sobre o estatuto do sintoma no contemporâneo? Vejamos.

A partir dos anos 20 a obra de Freud foi perpassada por elaborações em torno das experiências de mal-estar que resistiam ao tratamento psicanalítico. Angústia, castração, pulsão de morte, são alguns conceitos resultantes desta empreitada, que representam suas respostas ao desamparo vivido diante da limitação do Princípio do Prazer para explicar os sonhos traumáticos.

É neste aspecto que tento relacionar o desamparo com o sintoma. A psicanálise nos ensina que mesmo em seu corpo o sujeito está ameaçado em suas aspirações ao bem-estar.

Neste sentido, Freud acolheu a face do sintoma recusada no contemporâneo: a de satisfação parcial. O sujeito jamais encontra um objeto que possa conferir-lhe harmonia duradoura consigo mesmo ou com o outro. Se nos primeiros anos da psicanálise Freud ainda na remissão sintomática total, a partir desta época sua postura muda radicalmente, o que se reflete na concepção de desamparo: “somente entre os anos 1915-20 o significante 'desamparo' pôde adquirir a transcendência de um conceito. Para isso foi necessário que a crença freudiana no poder do discurso científico para promover o 'progresso do espírito humano' caísse por terra” (BIRMAN, 2009, p.139).

Na psicanálise, o *Cogito* cartesiano, fundamento do conhecimento científico, é destituído do lugar de amparo que ocupa para a ciência moderna. Em substituição a psicanálise coloca um Eu cindido, marcado pelo des-conhecimento: o Isso pensa onde não sou.

É a partir desta constatação que podemos pensar o lugar da psicanálise na cultura atual. Afinal, como nos lembra Graciela Brodsky (2004), a lógica contemporânea explora a tendência do sujeito a optar pelo “não penso”, entendido como rechaço de deixar correr livremente os pensamentos inconscientes (a associação livre). Podemos extrair dessa observação a ideia de que um dos grandes desafios da psicanálise no contemporâneo são as práticas que propõem a inexistência de sentido no sintoma, pois correspondem a opção pelo ser sem pensar, isto é, a recusa do sintoma como algo simbolizável. Assim, ela conclui, “toda a temporalidade imediata a qual a tecnologia e a computação dão acesso contribui para a posição do 'não penso’” (BRODSKY, 2004, p.70). O dispositivo analítico, por sua vez, não pretende abolir esta posição, mas dar condições para que o “sou e não penso” não fique aprisionada no narcisismo.

A primazia da técnica no âmbito da ciência tem contribuído para consolidar a interpretação do sintoma como obstáculo ao ideal político do bem-estar individual, criação do

Iluminismo. Com isso oculta-se a realidade do sintoma como expressão do mal-estar inerente a economia psíquica, ou seja, sua face pulsional, que não se ajusta às leis anatomofisiológicas.

Freud explicitou à civilização ocidental os limites do seu projeto filosófico e político, apontando para a dimensão do Real que, como diz Lacan, é impossível de dominar. Mas, sem o desejo de Freud, qual teria sido o destino daquelas manifestações sintomáticas?

Diante dos obstáculos a propagação dos efeitos deste desejo, creio que podemos ter alguma noção deste destino. Os sintomas psíquicos tornam-se alvo de ações fundamentadas numa política em que a promessa de gozo se apoia na “eliminação da exceção, do desvio, do que está a mais” (DUNKER, 2002, p.57).

A ideia de que o indivíduo é o centro filosófico, político e moral do mundo e a crença no emprego da tecno-ciência como instrumento do exercício da razão e da liberdade são alguns ingredientes que compõem a tese de que o progresso técnico-científico é o caminho para a felicidade humana. Este ideal concorreu para a constituição desta sociedade enraizada nos processos de individualização, que consiste fundamentalmente na “‘fetichização’ do ser autônomo, aquele que se recusa a reconhecer a idéia de que a sociedade pode impor limites à auto-aspiração” (SALECL, 2005, p.15).

Freud conviveu intimamente com este limite e o incorporou à sua teoria. A exibição dos sintomas histéricos, por exemplo, foi uma admirável demonstração de que algo não sucumbia à expansão da ciência. Foi pela denúncia do limite na ordem do conhecimento que a verdade do sintoma se impôs.

Lacan (1992) nos lembra que os erros, as falhas do discurso, aquilo que perturba a relação imaginária com o real, ou seja, todos os desvios sobre os quais se fundou a psicanálise, estão na dependência do campo científico porque “é justamente à luz do aparato da ciência [...] que é possível fundar os erros, tropeços e confusões” (LACAN, 1992, p.151) do conhecimento. É no campo das verdades que escapam do enquadre científico que a

psicanálise situa a verdade do inconsciente, camuflada no sintoma. É naquilo que faz o saber falhar que a psicanálise encontra a verdade pegando o erro pelo cangote, como diz Lacan no Seminário I.

Considerando a influência exercida pela noção de desamparo sobre a teoria psicanalítica, não me parece tão absurdo propor a ideia de que o “sintoma” (freudiano) é o significante do desamparo, cujo destino na cultura contemporânea é a rejeição. Isto não deve surpreender-nos, se lembrarmos que a ênfase no desamparo está relacionada aos fracassos da razão científica em garantir a felicidade humana. Enquanto Freud introduziu em sua época uma associação entre “sintoma” e “desamparo”, assinalando o mal-estar incurável que habita a civilização, a sociedade contemporânea associa o “sintoma” ao significante “doença”, que funciona como  $S_o$ , estancando o desenvolvimento de uma cadeia associativa acerca do sintoma.

A dissociação entre sintoma e subjetividade decorre da incidência do Discurso do Capitalista na cultura, resultado da aliança entre a ciência e o discurso do Mestre. Neste discurso o saber é reduzido a número, estatísticas. Tanto o escravo, do Discurso do Mestre, quanto o mais-de-gozar se tornam unidades de valor contabilizáveis. Neste discurso, o “endereçamento de S1 para S2 produz os *gadgets* supostos satisfazerem o saber reduzido ao gozo, *gadgets* identificados ao mais-de-gozar”, fixando o sujeito no lugar determinado por S1” (ALBERTI, 2000, p.46-47). Proponho substituir “sujeito” por “sintoma”. Neste caso, o sintoma estaria fixado pelo S1 conforme um saber científico submetido ao mercado produtor de mais-de-gozar.

O saber da ciência, a serviço do mercado, produz a exclusão Sujeito, isto é, da divisão subjetiva descoberta por Freud no sintoma. O discurso do capitalista contribui para a eliminação da trágica mensagem que o sintoma freudiano introduziu na sociedade moderna.

O sujeito no discurso do Capitalista está afetado pela urgência de cura. Evita-se a todo custo – financeiro, sobretudo – o trabalho de elaboração do sofrimento, o qual implica renúncia ao gozo. No sistema capitalista a falta comparece apenas como terreno onde se instalam os mecanismos de exploração do mais-de-gozar. Aqui, o sintoma é degradado a formação de compromisso com as exigências da realidade... do mercado. Os excessos da sociedade do consumo maximizam a ausência de gozo ofertando meios que supostamente podem proporcioná-lo. Em outras palavras: a falta é assimilada como motor de gozo e não do desejo.

Mas, como nos lembra Dunker (2002), a troca é determinada pela ordem do significante, mas junto com ela podemos encontrar também o valor de uso, representado pelo gozo. O que ocorre no contemporâneo é que o mercado assegura que tudo pode entrar no circuito de troca. É como se tentassem materializar *das Ding* nos objetos de consumo, eliminando-se por completo o caráter Real do gozo, que é a dimensão que faz com que o sintoma não seja objetivável, pois o gozo do sintoma “é um benefício que não se dissolve, se redistribui, ou se redireciona de acordo com procedimentos protocoláveis” (SANTOS, 2008, p.69).

É nesta perspectiva que Colette Soler (1998) situa a dimensão do “impossível de universalizar” própria do Real como algo contrário ao político, cuja pretensão é governar. Podemos deduzir então que o sintoma, considerado em sua face de gozo, adquire importância política na medida em que ele se opõe às demandas de adaptação à realidade provenientes dos discursos terapêuticos. Enfim, o psicanalista demarca sua posição política no contemporâneo a partir da referência ao Real inerente ao seu ato, esta “liberdade como um corte fundamental na textura da realidade” (ZIZEK, 2006, p.205). Sustentado em seu ato, o psicanalista incidirá na cultura promovendo uma clínica referida a um *além* da adequação aos critérios de verdade

científica e em oposição ao ideal de que a sociedade pode administrar os gozos com o objetivo de proporcionar a felicidade para todos os seus membros.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, S. Psicanálise: a última flor da medicina. In: ALBERTI, S. & ELIA, L (Orgs.). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 7a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRODSKY, G. **Short Story: os princípios do ato analítico**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

DUNKER, C. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.

KEHL, M. R. Muito além do espetáculo. In: NOVAES, A (Org). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LACAN, J. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SALECL, R. **Sobre a felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo**. São Paulo: Alameda, 2005.

SANTOS, T.C. A política do psicanalista: o saber da psicanálise entre ciência e religião. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.XIV, n.1, p.63-82, jun.2008.

SOLLER, C. **A psicanálise na civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

ZIZEK, S. **Arriscar o impossível**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.